



FACULDADE DE GOIANA – FAG
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

JAQUELINE SIMFRONIO DA SILVA RODRIGUES
ROSILEIDE DA COSTA BARBOSA

**DESAFIOS VIVENCIADOS PELOS ENFERMEIROS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À
SAÚDE NA ASSISTÊNCIA À CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA**

GOIANA

2024

JAQUELINE SIMFRONIO DA SILVA RODRIGUES
ROSILEIDE DA COSTA BARBOSA

**DESAFIOS VIVENCIADOS PELOS ENFERMEIROS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À
SAÚDE NA ASSISTÊNCIA À CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA**

Artigo científico apresentado ao Curso de Graduação em Enfermagem, da Faculdade de Goiana – FAG, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Enfermagem.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Elizabete de Amorim Silva Marinho.

GOIANA

2024

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da FAG – Faculdade de Goiana,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

R696d Rodrigues, Jaqueline Simfronio da Silva

Desafios vivenciados pelos enfermeiros da atenção primária à saúde na assistência à criança com transtorno do espectro autista. / Jaqueline Simfronio da Silva Rodrigues; Rosileide da Costa Barbosa. – Goiana, 2024.

28f. il.:

Orientador: Profa. Dra. Maria Elizabete de Amorim Silva Marinho.

Monografia (Curso de Graduação em Enfermagem) Faculdade de Goiana.

1. Transtorno do espectro autista. 2. Criança. 3. Assistência de enfermagem. I. Título. II. Barbosa, Rosileide da Costa.

BC/FAG

CDU: 616.89

JAQUELINE SIMFRONIO DA SILVA RODRIGUES

ROSILEIDE DA COSTA BARBOSA

**DESAFIOS VIVENCIADOS PELOS ENFERMEIROS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À
SAÚDE NA ASSISTÊNCIA À CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA**

Artigo científico apresentado ao Curso de Enfermagem, da Faculdade de Goiana - FAG, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Enfermagem.

Goiana, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Elizabete de Amorim Silva Marinho (Orientadora)
Faculdade de Goiana – FAG

Profa. Esp. Isabela Dayani Teles de Lima (Examinadora)
Faculdade de Goiana – FAG

Prof. Me. Rafael da Costa Santos (Examinador)
Faculdade de Goiana – FAG

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APS	Atenção Primária à Saúde
BDENF	Base de Dados de Enfermagem
DSM-5	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
LILACS	Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde
PTI	Plano Terapêutico Individual
SAE	Sistematização da Assistência de Enfermagem
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SUS	Sistema Único de Saúde
TEA	Transtorno do Espectro Autista

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	09
2.1 Contextualizando e conceituando o Transtorno do Espectro Autista.....	09
2.2 Implicações vivenciadas por famílias de crianças com o Transtorno do Espectro Autista.....	11
2.3 Assistência de enfermagem prestada a crianças com Transtorno do Espectro Autista na atenção primária.....	13
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	15
4 RESULTADOS.....	18
5 DISCUSSÕES.....	20
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	23

DESAFIOS VIVENCIADOS PELOS ENFERMEIROS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE NA ASSISTÊNCIA À CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Jaqueline Simfronio da Silva Rodrigues¹

Rosileide da Costa Barbosa²

Maria Elizabete de Amorim Silva Marinho³

RESUMO

Este estudo tem como foco a assistência de enfermagem a crianças com autismo, um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta principalmente a comunicação, a interação social e os comportamentos repetitivos. O Transtorno do Espectro Autista pode ser detectado precocemente na Atenção Primária à Saúde, durante as consultas de puericultura realizadas pelos enfermeiros. Além disso, esses profissionais também precisam integrar a equipe multiprofissional que realizará o acompanhamento da terapêutica dessas crianças. O objetivo deste estudo foi identificar na literatura os desafios vivenciados pelos enfermeiros da Atenção Primária à Saúde na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada entre os meses de abril a maio de 2024, por meio da busca de artigos científicos publicados em revistas nas seguintes Bases de Dados: Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde e Google Acadêmico. Nesse processo, foram selecionados e analisados dez artigos. Apesar da relevância da assistência do enfermeiro às crianças com autismo, alguns desafios enfrentados por esses profissionais podem ser destacados, como exemplo: pouco conhecimento, medo, insegurança e despreparo em relação; a necessidade de capacitação e atualização dos enfermeiros; e, a escassez de diretrizes e protocolos que orientem a prática clínica nessa área. É preciso que os enfermeiros se sensibilizem cada vez mais com a temática e busquem ampliar seus conhecimentos, para que possam oferecer uma assistência integral e resolutiva às crianças com o Transtorno do Espectro Autista e suas famílias, desde o diagnóstico precoce até o apoio e acompanhamento durante a terapêutica, por meio da participação em uma equipe multidisciplinar.

Palavras-chave: transtorno do espectro autista; criança; assistência de enfermagem.

ABSTRACT

This study focuses on nursing care for children with autism, a neurodevelopmental disorder that mainly affects communication, social interaction and repetitive behaviors. Autism Spectrum Disorder can be detected early in Primary Health Care, during childcare consultations carried out by nurses. Furthermore, these professionals also need to be part of the multidisciplinary team that will monitor the therapy of these children. The objective of this study was to identify

¹ Graduanda do 10º Período do Curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade de Goiana – FAG. E-mail: jaquelinesilva@outlook.com

² Graduanda do 10º Período do Curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade de Goiana – FAG. E-mail: lalacostasilva2017@gmail.com

³ Enfermeira, Doutora em Enfermagem, Docente do Curso de Enfermagem da Faculdade de Goiana – FAG. E-mail: elizabeteamorim.enf@gmail.com

in the literature the challenges experienced by Primary Health Care nurses when assisting children with Autism Spectrum Disorder. This is an integrative review of the literature carried out between the months of April and May 2024, through the search for scientific articles published in journals in the following Databases: Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences and Google Scholar . In this process, ten articles were selected and analyzed. Despite the relevance of nurses' assistance to children with autism, some challenges faced by these professionals can be highlighted, such as: little knowledge, fear, insecurity and unpreparedness in relation; the need for training and updating nurses; and, the scarcity of guidelines and protocols that guide clinical practice in this area. It is necessary for nurses to become increasingly aware of the topic and seek to expand their knowledge, so that they can offer comprehensive and resolute assistance to children with Autism Spectrum Disorder and their families, from early diagnosis to support and monitoring during therapy, through participation in a multidisciplinary team.

Keywords: autism spectrum disorder; child; nursing care.

1 INTRODUÇÃO

O termo autismo ou Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode ser definido como um transtorno que afeta a condição comportamental da criança, prejudicando as habilidades de comunicação, com atrasos no comportamento social e com dificuldades no desenvolvimento de habilidades estimadas para cada faixa etária. Vale ressaltar que os transtornos do espectro autista podem se manifestar de múltiplas formas, sendo cada situação diferente e específica (Gaiato; Teixeira, 2018).

O diagnóstico de autismo é um diagnóstico clínico, baseado na investigação do comportamento da criança durante seu crescimento e em entrevistas com os pais. Estima-se que a incidência de autismo seja maior em meninos, mas quando acontece com meninas, o quadro tende a ser mais grave (Santos *et al.*, 2024).

O TEA não tem cura, portanto os tratamentos devem ser seguidos durante toda a vida da pessoa. Considerando que, cada paciente necessita de atendimento especializado e individualizado, uma equipe multidisciplinar trabalhará com a família do paciente para desenvolver um Plano Terapêutico Individual (PTI). Os pais devem ser educados para poder administrar o tratamento dentro da família, a fim de buscar efeitos significativos durante a intervenção (Santos *et al.*, 2019).

As crianças diagnosticadas com o TEA necessitam de mais atenção nos cuidados, pois apresentam necessidades singulares. Assim, os profissionais de saúde, e especialmente a equipe de enfermagem precisa prestar cuidados especiais para tornar o atendimento mais humanizado, de modo a estabelecer um vínculo efetivo de comunicação com a criança e sua família. Ao expressar amor, o vínculo e a sensação de segurança entre a equipe de cuidados e a criança

serão fortalecidos, e os profissionais alcançarão melhor interação, melhorando muito os procedimentos que serão realizados, garantindo assim o bem-estar da criança com TEA (Santos *et al.*, 2019).

A equipe de enfermagem desempenha papel fundamental na prática de cuidar de crianças com autismo, pois o enfermeiro é o primeiro profissional a entrar em contato com as crianças e a passar mais tempo com elas. Além disso, são os profissionais responsáveis por atuar como mediadores de equipes multidisciplinares no cuidado direcionado às crianças e suas famílias. A equipe assistencial como um todo precisa desenvolver estratégias de cuidado individualizadas e personalizadas, adotando intervenções capazes de reduzir as dificuldades de comunicação, promovendo o bem-estar e a qualidade de vida da criança (Araújo *et al.*, 2019; Soeltl; Fernández; Camilo, 2021).

Na Atenção Primária à Saúde (APS) os enfermeiros têm maiores chances de reconhecer os sintomas do TEA, pois são os profissionais que realizam as avaliações de enfermagem durante o acompanhamento do crescimento e desenvolvimento da criança. Isto facilita a detecção precoce do risco de desenvolver TEA, pois torna-se possível comparar a avaliação inicial da criança com os marcos do desenvolvimento para cada faixa etária (Hockenberry; Wilson; Rodgers, 2018; Barbosa; Pereira, 2021).

O enfermeiro desta área de cuidado pode reconhecer mudanças qualitativas e quantitativas na comunicação, tanto verbal quanto não verbal, interação social e comportamento estereotipado, repetitivo e com interesses limitados expressos pela criança (Sanini; Bosa, 2015).

Dentro deste contexto, a Enfermagem tem um papel significativo, pois promoverá o ensino do autocuidado e a melhoria da qualidade de vida do paciente, orientará e prestará cuidados suficientes na implementação de tratamentos para pessoas com autismo. Os profissionais de saúde devem participar na busca de soluções eficazes que melhorem a qualidade de vida desses indivíduos e de seus familiares (Souza *et al.*, 2020).

Porém, muitas vezes, os profissionais se sentem inseguros e despreparados para a avaliação de seus sinais e sintomas, o que pode levar ao atraso no diagnóstico e comprometer o reconhecimento precoce. Isso, faz com que famílias e crianças visitem vários profissionais antes que o TEA seja descoberto, atrasando assim, qualquer intervenção para ajudar a melhorar o crescimento e desenvolvimento da criança (Nascimento *et al.*, 2018).

O medo, a insegurança e a dificuldade dos profissionais em distinguir sinais e sintomas do autismo nas consultas de enfermagem, pode acontecer devido à falta de informações na graduação e ao pouco conhecimento adquirido por meio de estudos profissionais ou estágios extracurriculares. Dada a sua prevalência e complexidade, é importante abordar o TEA durante

a graduação, para que os estudantes de enfermagem e os futuros profissionais tenham mais confiança e conhecimento para conduzir o cuidado ético e resolutivo nos diferentes cenários do setor saúde (Ferreira; Franzoi, 2019).

O interesse neste tema de pesquisa justifica-se pela necessidade de ampliar o conhecimento da enfermagem na assistência à criança com TEA, visto que alguns enfermeiros possuem inúmeras dificuldades no cuidado a essas crianças. Além disso, evidencia-se que existem poucas pesquisas publicadas abordando essa temática, o que aponta para a necessidade de ampliar o conhecimento construído e difundido acerca deste tema.

É importante perceber precocemente os sinais de atrasos no desenvolvimento da criança, especialmente no que se refere à comunicação, para que se possa iniciar o plano terapêutico o mais breve possível. Nesse sentido, os enfermeiros da APS ocupam lugar de destaque para tal identificação, assim como para o acompanhamento contínuo das crianças com TEA e de suas famílias. Desse modo, faz-se relevante compreender os desafios vivenciados durante a assistência prestada a esses indivíduos.

Diante desta problemática, a seguinte questão norteou o desenvolvimento deste estudo: Quais os desafios vivenciados pelos enfermeiros da Atenção Primária à Saúde na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista? Assim, para atender a este questionamento, objetivou-se: Identificar na literatura os desafios vivenciados pelos enfermeiros da Atenção Primária à Saúde na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Contextualizando e conceituando o Transtorno do Espectro Autista

O termo autismo foi usado pela primeira vez em 1906 por um psiquiatra que estudava os processos de pensamento de pessoas com esquizofrenia. A palavra vem da junção do grego “*autus*” e “*ismo*”, que significa: voltar-se para si mesmo (Vilar *et al.*, 2019).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) abrange vários distúrbios no desenvolvimento do sistema nervoso e que afeta principalmente a interação social, a comunicação pessoal e os comportamentos restritos e repetitivos, cujos sinais e sintomas se tornam evidentes nos primeiros anos de vida (Oliveira; Sertié, 2017).

As crianças com esta condição de saúde desenvolvem-se normalmente até cerca dos três anos de idade, momento em que as pessoas começam a notar sinais específicos da doença. Ainda não está claro quais são os determinantes diretos dessa condição, enfatizando-se que o

TEA não é uma doença, mas sim uma condição de saúde que ainda não tem cura, apenas tratamento para ajudar o indivíduo a conviver com as limitações causadas por essa condição (Oliveira; Sertié, 2017).

Em 1935, Leo Kanner publicou o Manual de Psiquiatria Infantil, que serviu de base para clínicas de psiquiatria infantil. Kanner foi um dos primeiros médicos a fornecer uma descrição preliminar do autismo. Ele usou os sintomas característicos da esquizofrenia descritos por Eugen Bleuler para descrever 11 crianças com distúrbios, como a incapacidade de interagir normalmente com as pessoas e com o seu ambiente desde o início de suas vidas (Vilar *et al.*, 2019).

Outro pesquisador médico e psiquiatra, que estudou o autismo, foi Hans Asperger, que escreveu um artigo "Psicose Autista na Infância" em 1944, no qual também se baseou no termo usado por Eugen Bleuler para descrever crianças com dificuldades de comunicação como um dos principais sintomas. Porém, o autor decidiu explicar de outra forma, segundo Asperger, essas dificuldades ocorrem devido à natureza altamente original dos pensamentos e atitudes da criança (Vilar *et al.*, 2019).

Nesse sentido, entende-se que as condições incluídas no conceito de TEA são congênitas, o que significa que são difíceis de identificar. Abaixo dos três anos de idade, os sintomas podem ser muito sutis, dificultando o diagnóstico rápido (Vilar *et al.*, 2019).

Não existem exames específicos para o diagnóstico do TEA, porém as crianças podem apresentar características que facilitam a identificação do problema. O diagnóstico deve ser feito por uma equipe interdisciplinar composta, no mínimo, por um neuropediatra e um psicólogo especializado em distúrbios do desenvolvimento, pois esses profissionais podem analisar conjuntamente cada caso, e assim fornecer informações esclarecedoras e orientações precisas à família (Anjos, 2019).

Os primeiros sinais que as famílias percebem são alterações na fala, mas também constituem sinais de autismo: acessos de raiva, autoagressão, alterações na alimentação e no sono, apego a horários e datas, reações exageradas à estimulação sensorial, medos e fobias inespecíficos, além da preferência por objetos inusitados. A criança também desenvolve um vínculo inseparável com a mãe. Portanto, para que outras pessoas consigam qualquer tipo de contato, é necessário primeiro estabelecer uma conexão, para que haja certa possibilidade de interação (Barbosa; Nunes, 2019).

O TEA afeta mais comumente o sexo masculino, e se manifesta como comprometimento funcional em diversas áreas, como alterações de desenvolvimento, dificuldade de concentração e dificuldade de aprendizagem por meios tradicionais. Pessoas com autismo apresentam

habilidades de processamento emocional mais pobres, o que interfere no reconhecimento de seus próprios pensamentos e sentimentos e também de outras pessoas (Vilar *et al.*, 2019).

A Associação Americana de Psiquiatria classifica as pessoas com autismo em três níveis, com base nas necessidades de apoio: Nível 1, exigindo apoio apenas algumas vezes; Nível 2, exigindo apoio substancial; e Nível 3, exigindo apoio total (Sousa *et al.*, 2018).

Embora não haja cura para o TEA, os tratamentos são elaborados para ajudar os pacientes a realizarem as atividades diárias de forma independente (Barbosa; Nunes, 2019). Nesse sentido, a busca por tratamentos interdisciplinares tem feito com que a maioria das crianças com TEA apresentem melhorias no comportamento social, na comunicação e nas habilidades de autocuidado, à medida que crescem. Portanto, uma aliança entre os profissionais e as famílias de crianças com TEA é fundamental para o sucesso do tratamento (Vilar *et al.*, 2019).

Embora não existam medicamentos específicos para pessoas com autismo, o uso de medicamentos, muitas vezes, é importante para controlar a insônia, a hiperatividade ou a desatenção. Dessa forma, a intervenção clínica é uma forma de reduzir ou melhorar as manifestações do TEA e investir na qualidade de vida desses indivíduos. Para tanto, são disponibilizadas diversas diretrizes com diferentes áreas de abrangência, com foco na terapia individual, psicanalítica e cognitiva. Dessa forma, diversos métodos podem ser utilizados para ajudar essas pessoas a ganhar mais funcionalidade e, assim, reduzir diversos distúrbios comportamentais (Barbosa; Nunes, 2019).

Nesse contexto, faz-se essencial uma rede assistencial estável com planos e políticas de saúde sólidas, que facilitem o cuidado integral, longitudinal e coordenado recomendado pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Portanto, há necessidade de investimentos na qualificação dos profissionais de saúde, com especial foco no atendimento biopsicossocial às pessoas afetadas pelo TEA (Silva *et al.*, 2019).

2.2 Implicações vivenciadas por famílias de crianças com o Transtorno do Espectro Autista

Os pais são geralmente as pessoas mais próximas dos filhos e são os primeiros a notar qualquer comportamento que se desvie dos padrões de normalidade, por isso é extremamente importante que os pais estejam envolvidos no diagnóstico precoce do TEA. Os serviços médicos relacionados ao autismo permanecem muito frágeis e os profissionais estão mal preparados para

a identificação precoce do autismo, levando ao atraso no diagnóstico e ao aumento dos sentimentos de desamparo dos pais (Biff *et al.*, 2019; Vilar *et al.*, 2019).

As mães têm sentimentos conflitantes em relação ao diagnóstico, o que as deixa emocionalmente magoadas. Estes sentimentos acabam por afetar a saúde mental destas mães e das suas famílias, causando estresse a longo prazo e dificuldade em aceitar e tratar os seus filhos. É importante que os profissionais sejam capazes de reconhecer esses sentimentos, para que também possam ofertar ajuda e apoio, pois são a base desse processo complexo (Biff *et al.*, 2019).

De acordo com o DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), quando o TEA é diagnosticado em uma criança, pode causar sentimentos na família, incluindo desafios de aceitação, bem como sentimentos como preocupação, dor, negação, sentimentos de inadequação e perspectiva. No entanto, os tipos de sentimentos expressos também dependem da gravidade do autismo (leve, moderado ou grave) ou do nível de aprendizagem familiar associado ao autismo (Hofzmann *et al.*, 2019).

Portanto, a falta de conhecimento e até mesmo equívocos sobre o autismo destacam a importância da divulgação de informações sobre o TEA para a sociedade, especialmente para o público em geral, que pode conviver diariamente e diretamente com pessoas com autismo. Para que a criança com autismo seja acolhida, é necessário que todos sejam informados sobre o conceito, as características e as formas de tratamento, para promover a aceitação pelas famílias, pelos profissionais e pela sociedade, e garantir que a pessoa receba o apoio de que necessita para se desenvolver (Corrêa; Queiroz, 2017).

As deficiências causadas pelo autismo podem afetar os familiares e a própria pessoa, que precisam se adaptar às novas demandas criadas pela condição do TEA. Embora pouco se saiba sobre este tema, há uma clara necessidade de mais investigação sobre as preocupações destas crianças e de todos os que as rodeiam, para que os profissionais de saúde envolvidos na assistência possam implementar ciência baseada no conhecimento, que possa servir as famílias e prestar uma melhor assistência (Faro *et al.*, 2019).

A compreensão dos cuidadores sobre o autismo é importante porque beneficia o desenvolvimento da criança, permitindo que ela ganhe independência e se sinta valorizada. Portanto, é compreensível que exista uma forte relação entre o conhecimento dos familiares sobre as características autistas e os fatores que promovem o bem-estar emocional das crianças (Silva *et al.*, 2017).

À medida que, as famílias se tornam socialmente isoladas, devido ao preconceito e à falta de apoio social, a experiência da família com o TEA se torna emocionalmente desgastante,

especialmente para a mãe, que na maioria das vezes, é a pessoa responsável pelo acompanhamento e cuidados diários ao filho (Schmidt, 2017).

Para a assistência das crianças com o TEA fazer conexões é muito importante, porque segundo Silva (2019), quando são feitas conexões entre essas crianças e seus familiares, professores, profissionais de saúde e a sociedade em geral, pretende-se especificar que as necessidades de cada criança são diferentes, tornando o tratamento mais fácil e eficaz. Destacando que, embora as crianças partilhem a mesma condição médica, elas se desenvolvem de forma diferente e têm características diferentes e, portanto, necessitam de tratamento individualizado. Atendendo às suas necessidades específicas, as famílias se tornam aliadas importantes neste sentido, pois estão diariamente envolvidas no dia a dia destas crianças.

2.3 Assistência de enfermagem prestada a crianças com Transtorno do Espectro Autista na atenção primária

É necessário ressaltar a importância do enfermeiro atuar com crianças com autismo e prestar assistência adequada a esses pacientes. Esses profissionais devem estar preparados para conquistar a confiança dos indivíduos com autismo e de seus familiares (Barbosa; Nunes, 2019). Pois, é importante construir um vínculo de confiança entre o enfermeiro e a pessoa com autismo, visto que na maioria das vezes, as crianças apresentam dificuldade com a linguagem (Anjos, 2019).

É responsabilidade do enfermeiro observar atentamente, ouvir e prestar suporte diferenciado, especialmente o enfermeiro da atenção primária, que está diretamente envolvido no acompanhamento do crescimento e desenvolvimento das crianças. Existe a necessidade de olhar além do que é visível aos olhos, a fim de proporcionar melhor qualidade de vida a todos os envolvidos na condição do diagnóstico do TEA, por meio da orientação aos familiares e do desenvolvimento de planos de tratamento que busquem a singularidade de cada criança (Anjos, 2019).

O reconhecimento dos primeiros sinais de alterações no desenvolvimento permite a implementação imediata de intervenções extremamente importantes, porque quanto mais cedo o tratamento for iniciado, mais positivos serão os resultados da resposta ao tratamento. Os bebês podem apresentar sinais de TEA desde os primeiros meses de vida, e esses sinais precoces merecem atenção especial durante a avaliação rotineira do desenvolvimento neuropsicomotor (Anjos, 2019).

Alguns sinais podem indicar problemas de desenvolvimento e devem ser avaliados durante uma consulta de puericultura, como exemplo: atraso para adquirir o sorriso social; desinteresse ou pouco interesse pela face humana; olhar não sustentado ou ausente; preferência por dormir sozinho no berço; irritabilidade quando ninado no colo; ausência da ansiedade/angústia de separação e indiferença quando os pais se ausentam (Anjos, 2019).

Após 18 meses, as características do TEA se tornam mais aparentes. Quaisquer atrasos na linguagem verbal ou não verbal, déficits no contato social e no interesse pelos outros, interesses repetitivos proeminentes e estereótipos devem ser investigados (Magalhães *et al.*, 2020).

Os profissionais da APS são responsáveis por identificar sinais que justifiquem uma avaliação detalhada do desenvolvimento da criança e da necessidade de estimulação precoce, visando o desenvolvimento social, linguístico e emocional satisfatório para cada faixa etária. Se necessário, a APS deverá ativar outros pontos de interesse da rede (Magalhães *et al.*, 2020).

Diversas estratégias podem ser utilizadas para orientar as crianças com autismo, a fim de promover resultados de cuidado satisfatórios, tais como: a intervenção musical e a utilização de recursos interessantes, utilizados pelos enfermeiros, a fim de garantir e potencializar a autonomia da criança, por meio de interação criativa, comunicação e desenvolvimento de mudança de comportamento (Magalhães *et al.*, 2020).

Fica claro, que a formação do enfermeiro é essencial para diagnosticar, tratar e identificar adequadamente as necessidades das crianças com TEA (Nascimento *et al.*, 2018). Neste caso, o enfermeiro passa a integrar uma equipe multidisciplinar e, além disso, é responsável pela consulta de avaliação e acompanhamento do crescimento e desenvolvimento da criança, sendo necessário que ele tenha conhecimentos sobre o autismo, pois está sempre em contato próximo com o paciente (Ferreira; Franzoi, 2019).

Apesar disso, existem desafios e enfrentamentos vivenciados pela enfermagem, como exemplo a falta de conhecimento ou o baixo nível de conhecimento sobre o tema. A maioria dos profissionais não busca especialização no assunto e possui pouco treinamento, resultando em falta de segurança teórica/prática para cuidar de crianças com TEA, ocasionando cuidados inadequados e insuficientes para elas (Ferreira; Franzoi, 2019).

Espera-se que os enfermeiros, além de auxiliar os pais ao lidar com crianças recém-diagnosticadas com TEA, possam orientá-los através de planos de cuidados flexíveis e personalizados, que reconheçam as diferentes necessidades dos indivíduos (Ferreira; Franzoi, 2019).

Uma das preocupações dos enfermeiros que atuam na APS é a apresentação clínica do autismo e os sintomas que apresentam. Estudo demonstra as variadas comorbidades associadas ao autismo, incluindo: epilepsia, transtornos mentais, deficiências físicas e problemas emocionais (Sousa *et al.*, 2018), sendo necessário conhecimento sobre a melhor forma de atender esses pacientes, tendo em vista as inúmeras demandas de cuidado que possuem.

O enfermeiro deve ser competente para cuidar de crianças com TEA, prestando atenção aos seus sinais e sintomas, e realizando assistência integral à criança e aos seus pais, tudo isso com o objetivo de promover segurança e esclarecimento de dúvidas, e promovendo o tratamento o mais precocemente possível. O tratamento promoverá a melhoria do desenvolvimento social, da escrita e da leitura, bem como a redução da irritabilidade (Sousa *et al.*, 2018).

Portanto, investir em conhecimento sobre esse tema é fundamental para fomentar conexões com pessoas com TEA. Uma vez fundamentados na teoria, os enfermeiros saberão quais caminhos seguir para entender como se relacionar com os pacientes e assim estabelecer conexões (Magalhães *et al.*, 2020). O preparo do enfermeiro é fundamental, pois o conhecimento limitado sobre o tema é uma das dificuldades que prejudica a detecção precoce dos sinais e sintomas do autismo. Portanto, é necessário chamar a atenção para uma melhor formação e qualificação acadêmica dos profissionais de enfermagem em saúde mental, a fim de eliminar todas as dificuldades e possibilitar todo o suporte necessário às famílias e aos pacientes (Anjos, 2019).

O objetivo da assistência de enfermagem é definir diagnósticos com base nas necessidades humanas básicas e trabalhar com equipe multidisciplinar para desenvolver planos de cuidados específicos para as necessidades dos indivíduos com autismo. Além disso, é necessário construir uma relação de confiança com a família, proporcionar sensação de segurança e paz, incentivando ao mesmo tempo todos a aderirem ao tratamento, e mostrar à família a importância de estar envolvida no tratamento (Barbosa; Nunes, 2019).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A investigação foi realizada por meio de análise descritiva da literatura científica, com a construção de uma revisão integrativa da literatura, a qual é conceituada como: um método de pesquisa que busca analisar trabalhos baseados em diferentes metodologias, visando a sintetizar e interpretar as informações coletadas de forma sistemática e objetiva. Essa abordagem é caracterizada por uma busca exaustiva na literatura, seguida de uma análise crítica

e interpretação dos resultados, com o objetivo de fornecer uma visão geral do conhecimento existente sobre um determinado tema ou problema (Roman; Friedlander, 1998).

A construção de uma revisão integrativa da literatura envolve várias etapas, incluindo (Roman; Friedlander, 1998):

- Identificação do tema ou questionamento: Definição do objeto de estudo e do problema ou questionamento que será abordado na revisão;
- Amostragem ou busca na literatura: Busca sistemática e exaustiva na literatura, utilizando estratégias de busca e critérios de inclusão e exclusão para selecionar os estudos relevantes;
- Categorização dos estudos: Organização dos estudos selecionados em categorias ou grupos, com base em características comuns ou variáveis relevantes;
- Avaliação dos estudos incluídos: Análise crítica e avaliação dos estudos incluídos na revisão, considerando aspectos como a metodologia, a amostra, a análise de dados e os resultados;
- Interpretação dos resultados: Análise e interpretação dos resultados, visando a identificar padrões, tendências e conclusões que possam ser extraídas da literatura;
- Síntese do conhecimento: Sintetização dos resultados, com o objetivo de fornecer uma visão geral do conhecimento existente sobre o tema ou problema.

A revisão integrativa da literatura é considerada um método de pesquisa robusto e confiável, pois permite a combinação de dados da literatura empírica e teórica, direcionados à definição de conceitos, à compreensão de fenômenos e à identificação de lacunas no conhecimento existente. Além disso, essa abordagem é fundamental para o planejamento e implementação de intervenções eficazes, pois fornece uma visão geral do conhecimento existente sobre um determinado tema ou problema, permitindo a identificação de oportunidades para a melhoria da prática e a formulação de políticas públicas informadas (Roman; Friedlander, 1998).

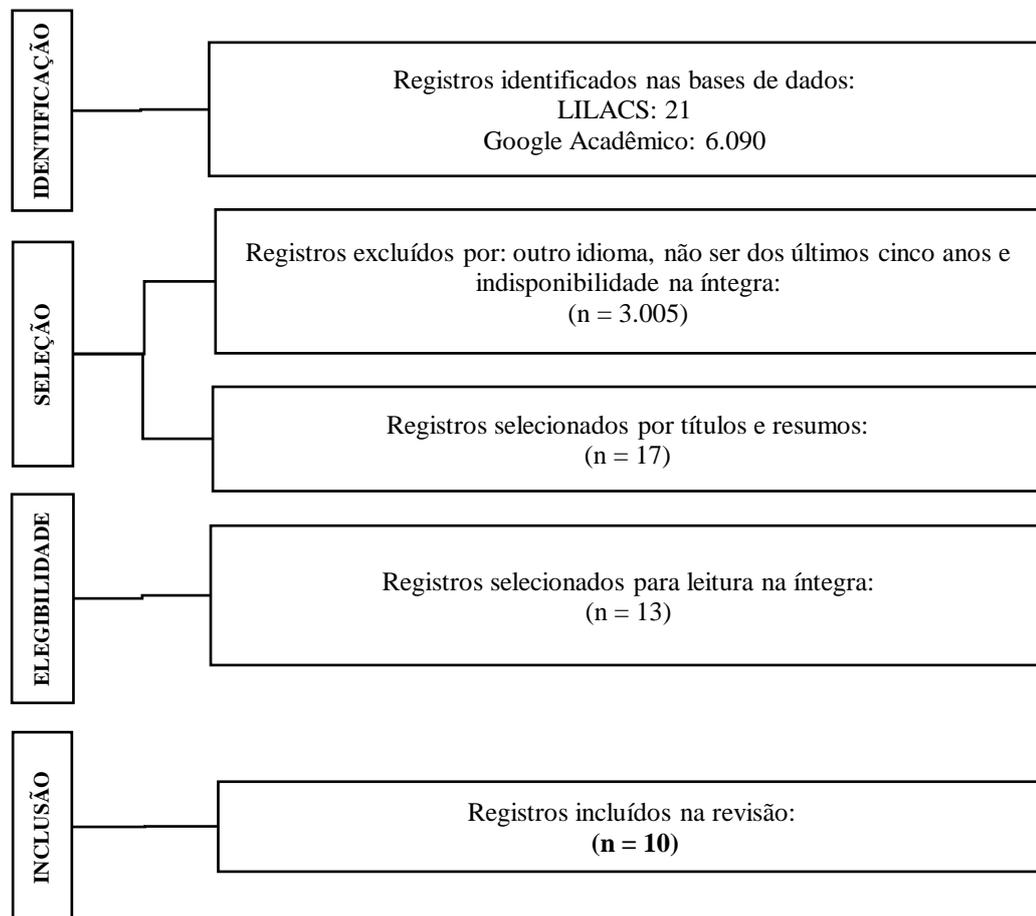
Para tanto, a busca do material seguiu a seguinte questão norteadora: Quais os desafios vivenciados pelos enfermeiros da Atenção Primária à Saúde na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista?

Os critérios de inclusão dos estudos foram as publicações científicas relacionadas ao tema, com textos publicados na íntegra; entre os anos de 2019 a 2024; na língua portuguesa; que tenham informações relacionadas ao tema e ao objetivo do estudo. Os critérios de exclusão foram publicações que não estivessem relacionadas ao tema proposto, artigos incompletos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses, resenhas e resumos.

O levantamento do material foi realizado entre os meses de abril a maio de 2024, por meio da busca de artigos científicos publicados em revistas nas seguintes Bases de Dados: Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Google Acadêmico. Ressalta-se que, também foi realizada na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Base de Dados de Enfermagem (BDENF), porém não foi possível incluir nenhum material dessas bases de dados, pois aqueles que atendiam aos critérios de inclusão propostos neste estudo, já haviam sido selecionados na LILACS. Nessa busca, foram feitos cruzamentos com os seguintes descritores: transtorno do espectro autista; enfermagem; e, atenção primária à saúde, utilizando-se entre eles o operador booleano “AND”.

Após a seleção dos artigos, restaram 10 artigos selecionados na LILACS e no Google Acadêmico, os quais foram utilizados para a construção desta revisão integrativa. O processo de busca em cada base de dado será explicitado abaixo, na Figura 1.

Figura 1 – Processo de seleção dos artigos científicos nas bases de dados escolhidas para esta revisão integrativa. Goiana – PE, Brasil, 2024.



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

A análise dos dados seguiu as diretrizes da análise temática (Minayo, 2014), a qual se baseia nas etapas de pré-análise, exploração do material ou codificação, e tratamento dos resultados obtidos/interpretação. Cada artigo foi lido repetidas vezes e analisados para a construção de uma síntese acerca dos principais aspectos para a compreensão dos objetivos traçados neste estudo.

4 RESULTADOS

Após a leitura dos dez artigos selecionados para a construção desta revisão integrativa foi possível construir um quadro compreensivo acerca da temática abordada neste estudo. Inicialmente, os artigos foram caracterizados de acordo com base de dado, ano da publicação, título do artigo, nome da revista, autoria e objetivos dos estudos. Tal caracterização será apresentada no quadro 1, explicitado abaixo.

Quadro 1 – Caracterização dos artigos selecionados na revisão integrativa de acordo com base de dado, ano da publicação, título do artigo, nome da revista, autoria e objetivos dos estudos. Goiana – PE, Brasil, 2024.

(continua)

BASE DE DADO ANO DA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO	NOME DA REVISTA	AUTORIA	OBJETIVO DO ESTUDO
Google Acadêmico 2024	Desafios e potencialidades do cuidado de enfermagem ao binômio mãe-filho no Transtorno do Espectro Autista.	Revista Enfermagem Atual	SILVA, M. V. B. <i>et al.</i>	Analisar as potencialidades e os desafios dos cuidados de enfermagem no Transtorno do Espectro Autista, abrangendo o binômio mãe-filho.
Google Acadêmico 2024	Atuação da enfermagem no acompanhamento da criança do transtorno autista.	Revista JRG de Estudos Acadêmicos	BRAZ, A. R. <i>et al.</i>	Descrever a atuação da enfermagem diante da criança com espectro autista.
Google Acadêmico 2024	Importância das consultas de puericultura no diagnóstico de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA).	Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro	SANTOS, G. F. <i>et al.</i>	Compreender a relevância das consultas de puericultura na Estratégia da Saúde da Família com vistas a diagnosticar pacientes com Transtorno do Espectro Autista.

Quadro 1 – Caracterização dos artigos selecionados na revisão integrativa de acordo com base de dado, ano da publicação, título do artigo, nome da revista, autoria e objetivos dos estudos. Goiana – PE, Brasil, 2024.

(continua)

BASE DE DADO ANO DA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO	NOME DA REVISTA	AUTORIA	OBJETIVO DO ESTUDO
Google Acadêmico 2022	Sistematização da assistência de enfermagem no Transtorno de Espectro Autista: do diagnóstico ao atendimento familiar na puericultura.	Brazilian Journal of Health Review	CARVALHO, J. C. S.; IGNÁCIO, L. G.; MAGRI, M. P. F.	Apontar estratégias de Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) com crianças com transtorno de espectro autista (TEA), desde o diagnóstico até o atendimento familiar rotineiro na puericultura.
Google Acadêmico 2021	Assistência do enfermeiro à criança autista na atenção básica.	Brazilian Journal of Health Review	MARTINS, R. A. <i>et al.</i>	Evidenciar a atuação do enfermeiro frente aos cuidados com a criança autista.
Google Acadêmico 2021	Contexto dos enfermeiros frente à assistência às crianças diagnosticadas com transtornos do espectro autista.	Brazilian Journal of Development	EDUARDO, O. R. F. <i>et al.</i>	Conhecer a percepção dos enfermeiros frente a assistência das crianças diagnosticada com Transtornos do Espectro Autista (TEA).
Google Acadêmico 2020	Acolhimento à pessoa com transtorno do espectro autista: um desafio para assistência de Enfermagem.	Research, Society and Development	NEVES, K. C. <i>et al.</i>	Identificar a importância da equipe de enfermagem diante do tratamento de uma pessoa com TEA; Apresentar as características da pessoa com TEA que devem ser reconhecidas pela equipe de enfermagem; E, descrever como acontece a abordagem ao paciente com TEA.

Quadro 1 – Caracterização dos artigos selecionados na revisão integrativa de acordo com base de dado, ano da publicação, título do artigo, nome da revista, autoria e objetivos dos estudos. Goiana – PE, Brasil, 2024.

(continua)

BASE DE DADO ANO DA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO	NOME DA REVISTA	AUTORIA	OBJETIVO DO ESTUDO
Google Acadêmico 2019	A percepção do enfermeiro no atendimento ao paciente autista.	Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico	OLIVEIRA, R. L. G. S.; CARVALHO, A. C. G.	Conhecer sobre o Transtorno do Espectro Autista; Analisar o atendimento a autistas; Averiguar a importância da afetividade frente às crianças com TEA; Verificar a percepção do enfermeiro no atendimento a autistas
LILACS 2022	Contribuições da enfermagem na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão da literatura.	Revista Baiana de Saúde Pública	MOTA, M. V. S. <i>et al.</i>	Descrever as principais contribuições da enfermagem para a prestação de cuidados à criança com transtorno do espectro autista (TEA).
LILACS 2021	Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras.	Revista de APS	CORRÊA, I. S.; GALLINA, F.; SCHULTZ, L. F.	Descrever o conhecimento da enfermeira da Estratégia da Saúde da Família (ESF) sobre indicadores para a triagem do TEA e sua experiência na aplicabilidade na consulta de puericultura.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

5 DISCUSSÕES

O enfermeiro é um profissional de linha de frente, que possui maior contato com os indivíduos, possuindo habilidades e competência para promover assistência em saúde em diversos campos de prática à criança autista. A atuação da enfermagem no acompanhamento de crianças com TEA está relacionada a resolutividade e ao enfrentamento dos problemas e agravos à saúde, que podem ser evidenciados durante as consultas de enfermagem (Braz *et al.*, 2024).

Corroborando o exposto acima, Eduardo *et al.* (2021) e Martins *et al.* (2021) afirmam que a atuação do enfermeiro na assistência à criança com TEA na APS é fundamental. Eles

destacam que o enfermeiro desempenha um papel crucial na detecção precoce do TEA, pois pode identificar sinais de desenvolvimento inadequado nas crianças com o diagnóstico. Além disso, ressaltam que o enfermeiro pode contribuir efetivamente para o tratamento por meio de abordagens terapêuticas alternativas, colaborando com a equipe multiprofissional e orientando pais e cuidadores sobre os cuidados adequados a serem prestados às crianças autistas.

A assistência de enfermagem às crianças com TEA é de extrema importância, desde o diagnóstico até o cuidado familiar na puericultura, destacando-se a importância desse cuidado especializado para o desenvolvimento cognitivo, comunicação, linguagem e interação social dessas crianças (Carvalho; Ignácio; Magri, 2022). Além disso, destaca-se que a escuta qualificada é uma prática essencial, pois os enfermeiros são considerados os olhos e ouvidos da equipe de saúde, sendo responsáveis por identificar sinais de desenvolvimento inadequado e por fornecer suporte tanto às crianças quanto às suas famílias (Eduardo *et al.*, 2021; Oliveira; Carvalho, 2019).

Autores destacam algumas contribuições importantes da enfermagem no contexto assistencial ao TEA, como exemplo: a) detecção precoce, pois o enfermeiro desempenha um papel crucial na identificação precoce de sinais de desenvolvimento inadequado em crianças com TEA, permitindo uma intervenção oportuna; b) assistência individualizada, com um olhar cuidadoso e livre de preconceitos, atendendo às necessidades específicas de cada criança e sua família; c) orientação aos pais e cuidadores sobre a vivência no dia a dia da criança com TEA; e, d) atuação interdisciplinar do enfermeiro, que atua em conjunto com a equipe multiprofissional, colaborando efetivamente no tratamento por meio de abordagens terapêuticas singulares e alternativas (Mota *et al.*, 2022).

Corrêa; Gallina; Schultz (2021) destacam ainda que a triagem precoce do TEA é fundamental para as terapias de estimulação, tratamento e desenvolvimento da criança, e a consulta de puericultura é considerada uma oportunidade importante para essa triagem. No entanto, os enfermeiros da Estratégia da Saúde da Família (ESF) desconhecem os instrumentos específicos para a identificação do TEA, embora reconheçam a importância da triagem precoce e a sua aplicabilidade na consulta de puericultura. Portanto, evidencia-se a necessidade de capacitar os enfermeiros sobre os instrumentos de triagem do TEA e a sua aplicabilidade na consulta de puericultura, para garantir uma assistência de qualidade às crianças e suas famílias.

Na assistência de enfermagem às crianças com TEA, destaca-se também a importância do acolhimento e cuidado dessas pessoas, ressaltando-se a necessidade de capacitação e políticas públicas que incentivem a formação dos profissionais de enfermagem para lidar de forma eficaz com o TEA. A falta de enfermeiros capacitados é uma questão relevante, e a

atuação desses profissionais pode ser crucial para o desenvolvimento integral e o bem-estar das pessoas com autismo (Neves *et al.*, 2020).

É importante que os enfermeiros recebam capacitação para a assistência às crianças com TEA desde a graduação, com educação continuada sobre os cuidados que necessitam, seja na atenção básica, hospitalar, em escolas ou na comunidade em geral. O enfermeiro pode atuar como elo entre a equipe médica e a família, estabelecendo melhor o diálogo entre ambos. Além disso, o enfermeiro poderia realizar um papel mais evidente na interação e comunicação com a criança autista (Braz *et al.*, 2024).

Apesar da relevância da assistência do enfermeiro às crianças com TEA, alguns desafios enfrentados podem ser destacados, como exemplo: pouco conhecimento, medo e despreparo em relação aos cuidados com a criança com TEA (Braz *et al.*, 2024). Outro estudo explicitou também: a insegurança de alguns profissionais, devido à incipiência de conhecimento sobre o tema; a necessidade de capacitação e atualização dos enfermeiros; e, a escassez de diretrizes e protocolos que orientem a prática clínica nessa área (Oliveira; Carvalho, 2019).

O acolhimento à pessoa com TEA também representa um desafio para a assistência de enfermagem, exigindo um olhar cuidadoso, livre de preconceitos, e uma abordagem individualizada para garantir o melhor suporte e cuidado a esses indivíduos (Neves *et al.*, 2020).

As pesquisas destacam a relevância do papel do enfermeiro da APS na assistência à criança com TEA, ressaltando a importância da qualificação, do cuidado humanizado e da atuação interdisciplinar para garantir o melhor suporte a essas crianças e suas famílias. Os estudos abordam ainda a importância da qualificação dos profissionais de enfermagem, a necessidade de diretrizes de prática claras, a falta de tempo como um desafio na assistência, e a importância de um olhar cuidadoso e livre de preconceitos no cuidado às crianças autistas. Além disso, ressaltam a escassez de profissionais capacitados e a necessidade de políticas públicas que incentivem a formação e atualização dos enfermeiros para lidar de forma eficaz com crianças com TEA.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A assistência de enfermagem é fundamental para o diagnóstico precoce e para o acompanhamento de crianças com TEA. Pois, o enfermeiro pode intervir junto às crianças com suspeita de TEA durante as consultas de puericultura na APS, para observar os primeiros sinais do transtorno, o que pode facilitar o diagnóstico precoce e o início do tratamento, assim será possível contribuir para que as crianças melhorem significativamente.

O enfermeiro também é responsável por acompanhar as famílias que lidam com o diagnóstico do TEA, pois para alguns é uma realidade pouco conhecida e com grande impacto, em grande parte devido aos preconceitos da sociedade contra essas crianças. Nessa perspectiva, o enfermeiro atua como facilitador, compreendendo a nova realidade dessas famílias, e estimulando a interação entre toda a rede de apoio da criança e família, o que envolve a saúde, a educação e a sociedade como um todo.

Ao cuidar de pacientes com TEA, principalmente crianças, o trabalho do enfermeiro junto à equipe multidisciplinar consiste em ser uma ponte para a compreensão das necessidades do paciente, tendo uma perspectiva holística e entendendo o que realmente pode ser feito para ajudar a melhorar o desenvolvimento e a interação social dessas crianças.

Nesse contexto, alguns desafios durante a assistência do enfermeiro na APS direcionada às crianças com TEA foram evidenciados, como: falta de conhecimento dos profissionais; ausência de políticas públicas que incentivem a formação de qualidade; ausência de protocolos específicos; dificuldades com o acolhimento e com as situações de preconceito vivenciadas por quem tem o diagnóstico de TEA.

Este estudo trouxe evidências que podem ampliar o conhecimento acerca da temática, porém teve como limitação o fato da inclusão de artigos apenas na língua portuguesa. É preciso que outros estudos sejam feitos, incluindo outras línguas e visualizando a realidade de outros países, a fim de trazerem mais aprofundamento sobre a temática, para que a assistência prestada a esses indivíduos se qualifique cada vez mais.

É preciso que os enfermeiros se sensibilizem cada vez mais com a temática e busquem ampliar seus conhecimentos, para que possam oferecer uma assistência integral e resolutiva às crianças com TEA e suas famílias, desde o diagnóstico precoce até o apoio e acompanhamento durante a terapêutica, por meio da participação em uma equipe multidisciplinar.

REFERÊNCIAS

ANJOS, M. F. S. Ações de Enfermagem no acompanhamento de pacientes com transtorno do espectro autista. 2019, 12f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem) - Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, Brasília, 2019. Disponível em: https://dspace.uniceplac.edu.br/bitstream/123456789/314/1/Maria_Fatima%20Anjos_0007142.pdf. Acesso: 10 set. 2023.

ARAÚJO, C. M. *et al.* O papel do enfermeiro na assistência à criança autista. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde**, Distrito Federal- DF, v.1, n. 3, p. 31-35, 2019.

Disponível em: <https://revista.rebis.com.br/index.php/revistarebis/article/view/32>. Acesso em: 25 fev. 2024.

BARBOSA, P. A. S.; NUNES, C. R. A relação entre o enfermeiro e a criança com transtorno do espectro do autismo. **Revista Científica Interdisciplinar**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 1-18, jul./set. 2019. Disponível em: <http://revista.srvroot.com/linkscienceplace/index.php/linkscienceplace/article/view/718>. Acesso em: 10 set. 2023.

BARBOSA, S.C.; PEREIRA, T. M. L. O enfermeiro nos cuidados ao paciente no transtorno do espectro autista infantil na unidade básica de saúde: revisão integrativa. **Revista Eletrônica Estácio**, Recife, v. 7, n.2, p.1-12, 2022. Disponível em: <https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/view/613/280>. Acesso em: 05 mar. 2024.

BIFF, D. *et al.* Percepções sobre o Autismo sob a ótica das mães. **Revista Enfermagem Atual**, v. 87, n. 25, 2019. Disponível em: <https://revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/222/123>. Acesso em: 02 out. 2023.

BRAZ, A. R. *et al.* Atuação da enfermagem no acompanhamento da criança do transtorno autista. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 7, n. 14, p. e141034, 2024. Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/1034>. Acesso em: 24 maio. 2024.

CARVALHO, J. C. S.; IGNÁCIO, L. G.; MAGRI, M. P. F. Sistematização da assistência de enfermagem no Transtorno de Espectro Autista: do diagnóstico ao atendimento familiar na puericultura. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 5, n. 5, p. 21591–21604, 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/53590>. Acesso em: 18 mai. 2024.

CORRÊA, M. C. C. B.; QUEIROZ, S. S. D. A família é o melhor recurso da criança: análise das trocas sociais entre mães e crianças com transtorno do espectro do autismo. **Ciência e cognição**, v. 22, n. 1, p. 41-62, jun. 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1021021>. Acesso em: 18 mar. 2024.

EDUARDO, O. R. F. *et al.* Contexto dos enfermeiros frente à assistência às crianças diagnosticadas com transtornos do espectro autista. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 10, p. 97384–97391, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv7n10-177>. Acesso em: 18 mai. 2024.

FARO, K. C. A. *et al.* Autismo e mães com e sem estresse: análise da sobrecarga materna e do suporte familiar. **Psico**, v. 50, n. 2, e30080, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/30080/pdf>. Acesso em: 15 abr. 2024.

FERREIRA, A. C. S. S.; FRANZOI, M. A. H. Conhecimento de estudantes de enfermagem sobre os transtornos autísticos. **Revista Enfermagem UFPE on line**, v. 13, n. 1, p. 51-60, jan. 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1006011> Acesso em: 30 ago. 2023.

GAIATO, M.; TEIXEIRA, G. **O reizinho autista: guia para lidar com comportamentos difíceis**. 1. ed. São Paulo: N Versos, 2018.

HOCKENBERRY, M. J.; WILSON, D.; RODERGS, C. **Wong fundamentos da enfermagem pediátrica**. Elsevier, 10. ed. p. 547-550, 2018.

HOFZMANN, R. R. *et al.* Experiência dos familiares no convívio de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). **Enfermagem em Foco**, v. 10, n. 2, 2019. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1671>. Acesso em: 28 mar. 2024.

MAGALHÃES, J. M. *et al.* Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. **Enfermeria Global**, n. 58, p. 541-550, abr. 2020. Disponível em: https://scielo.isciii.es/pdf/eg/v19n58/pt_1695-6141-eg-19-58-531.pdf. Acesso em: 17 abr. 2024.

MARTINS, R. A. *et al.* Assistência do enfermeiro à criança autista na atenção básica. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 3, p. 12193–12206, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/30726>. Acesso em: 18 mai. 2024.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2014. 407 p.

MOTA, M. V. S. *et al.* Contribuições da enfermagem na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão da literatura. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 46, n. 3, p. 314-326, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22278/2318-2660.2022.v46.n3.a3746>. Acesso: 17 mai. 2024.

NASCIMENTO, Y. C. M. L. *et al.* Transtorno do Espectro Autista: Detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia saúde família. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 32, e-25425, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/25425>. Acesso em: 05 abr. 2024.

NEVES, K. C. *et al.* Acolhendo a pessoa com transtorno do espectro autista: um desafio para o cuidado de enfermagem. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, e941986742, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i8.6742>. Acesso em: 06 abr. 2024.

OLIVEIRA, K.G.; SERTIÉ, A.L. Transtorno do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. **Einstein**, v.15 n. 2, p.233-238, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/YMg4cNph3j7wftqmKzYsst/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 mar. 2024.

OLIVEIRA, R. L. G. S.; CARVALHO, A. C. G. A percepção do enfermeiro no atendimento ao paciente autista. **Revista Interdisciplinar Pensamento Científico**, v. 5, n. 5, jul./dez. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20951/2446-6778/v5n5a18>. Acesso em: 16 mai. 2024.

PITZ, I. S. C.; GALLINA, F.; SCHULTZ, L. F. Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das

enfermeiras. **Revista de APS**, v. 24, n. 2, p. 282-295, abr./jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1809-8363.2021.v24.32438>. Acesso em: 14 mai. 2024.

ROMAN, A. R.; FRIEDLANDER, M. R. Revisão integrativa de pesquisa aplicada à enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, v. 3, n. 2, p. 109-112, jul./dez. 1998. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/44358>. Acesso em: 05 fev. 2024.

SANTOS, G. F. *et al.* Importância das consultas de puericultura no diagnóstico de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 6, n. 1, 2023. Disponível em: <https://revista.unipacto.com.br/index.php/multidisciplinar/article/view/1368>. Acesso em: 15 mai. 2024.

SANTOS, N. K. *et al.* Assistência de enfermagem ao paciente autista: um enfoque na humanização. **Revista de Saúde Dom Alberto**, v. 4, n. 1, p. 17-29, 2019. Disponível em: <https://revista.domalberto.edu.br/revistadesaudedomalberto/article/view/134>. Acesso em: 10 abr. 2024.

SCHIMIDT, C. Transtorno do Espectro Autista: onde estamos e para onde vamos. **Psicologia em Estudo**, v. 22, n. 2, p.221-230, 2017. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/34651>. Acesso em: 16 set. 2023.

SILVA, M. V. B. *et al.* Desafios e potencialidades do cuidado de enfermagem ao binômio mãe-filho no Transtorno do Espectro autista. *Revista Enfermagem Atual*, v. 98, n. 1, e024272, jan./mar. 2024. Disponível em: <https://revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/2072>. Acesso em: 10 mai. 2024.

SILVA, R. N. A. *et al.* Avaliação da qualidade de vida de crianças que estão no espectro do autismo. **Revista Enfermagem UFPE on line**, v. 11, n. 9, p. 3461-3470, set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/110246/22187>. Acesso em: 29 ago. 2023.

SOELTL, S. B.; FERNANDES, I. C.; CAMILLO, S. O. O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano. **ABCS Health Sciences**, v. 46, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.7322/abcshs.2019101.1360>. Acesso em: 26 abr. 2024.

SOUSA, L. D. *et al.* A intervenção psicopedagógica no processo ensino aprendizagem do autista. **Revista Transformar**, v. 12, n. 1, 2018. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/135>. Acesso em: 19 fev. 2024.

SOUZA, A. P. *et al.* Assistência de enfermagem ao portador de autismo infantil: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 2874-2886, mar./abr. 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/8552>. Acesso em: 22 abr. 2024.

VILAR, A. M. A. *et al.* Transtornos autísticos e estratégias promotoras de cuidados: revisão integrativa. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 33, e28118, p. 1-15, 2019. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/28118>. Acesso em: 10 set. 2023